

POR UMA NOVA IDADE MÉDIA: ALGUMAS APROXIMAÇÕES ENTRE MARC BLOCH, CARLO GINZBURG, ROGER CHARTIER E A MEDIEVALÍSTICA.

Amanda Basilio Santos¹

Resumo: Este artigo discute alguns pontos teóricos levantados por Marc Bloch, Carlo Ginzburg e Roger Chartier, e sua influência em estudos em História Medieval, destacando-se como estes autores abrem possibilidades ao estudo deste período. A História modificou-se muito desde seu estabelecimento enquanto disciplina, tanto em seus métodos quanto em seus referenciais teóricos, teceremos algumas aproximações entre os três autores selecionados para tentar compreender a importância dos mesmos nestas mudanças. Para tanto, serão cerzidas breves reflexões sobre os autores e alguns pontos selecionados de suas teorias e metodologias, fazendo relações com a medievalística. Por fim, iremos selecionar algumas obras que nos auxiliem neste exercício reflexivo, para termos, através deste apanhado bibliográfico, uma ideia da condensação das influências dos autores destacados.

Palavras-chave: Teoria; Metodologia; Historiografia; Medievalística.

Recebido em 19/09/2014

aceito em 07/12/2014

FOR A NEW MIDDLE AGES: SOME LINKS BETWEEN MARC BLOCH, CARLO GINZBURG, ROGER CHARTIER AND THE MEDIEVAL STUDIES.

Abstract: This article discusses some theoretical issues raised by Marc Bloch, Carlo Ginzburg and Roger Chartier, and its influence in studies in medieval history, highlighting how these authors open possibilities for the study of this period. History has changed a lot since its establishment as a discipline, both in its methods and in its theoretical framework, so we will weave some approximations between the three authors selected to try to understand their importance in these changes. For this, we mended brief reflections on the authors and some selected points of his theories and methodologies, making relations with medieval studies. Finally, we will select a few works that help us in this reflective exercise, so that, through this select bibliographic we can caught an idea of the influences of the this authors.

Keywords: Theory; Methodology; Historiography; Medieval Studies.

¹ Bacharela Mestranda em História (UFPel), com Especialização em Artes (UFPel) em andamento. Membro do LAPI (Laboratório de Política e Imagem da UFPel). E-mail de contato: amanda_hatsh@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

A História enquanto disciplina passou por muitas modificações desde suas propostas iniciais enquanto ciência no século XIX. Por muito tempo a História medieval, dentro da própria historiografia, esteve negligenciada por este ser um período considerado como a Idade das Trevas², ou então era ligada ao romantismo do século XIX, que via na Idade Média um período de encantos, o que não era mais justa do que seu relativo negativo.

Porém, a História é dinâmica e isto deve-se as discussões e inquietações dos historiadores, sempre relacionados ao seu contexto histórico. As contribuições são débitos a inúmeros agentes, porém neste artigo daremos destaque a algumas reflexões teóricas e metodológicas de três autores importantes neste processo: Marc Bloch, Carlo Ginzburg e Roger Chartier. Embora estes autores ocupem diferentes espaços, e no caso de Marc Bloch com relação aos demais, diferentes temporalidades, suas propostas influenciam profundamente a produção histórica. Nos focaremos na importância destes autores, cujas reflexões auxiliaram a construir uma nova visão sobre a Idade Média, antes vista de forma tão negativa e cujas pesquisas encontravam-se tão restritas em suas abrangências de temáticas e agentes pesquisados. É claro que há muitos outros autores que auxiliaram nestas modificações de posição e de metodologia, porém nos focaremos, neste artigo, nos três selecionados.

² Conceito muito empregado para definir o período medieval até o século XX. Está ligado a uma ideia de que o período estaria ligado a um retrocesso e a barbárie após o esplendor do período Clássico greco-romano. No decorrer do século XX esta expressão foi condenada pela historiografia, embora ainda seja consideravelmente usual no senso comum.

Historiadores Fundamentais

Iniciaremos por Marc Bloch: este nasce em Lyon em 1886, sendo filho de um historiador medievalista, como ele se tornaria quando adulto. Marcou a Primeira Geração da *Revue des Annales*³, a qual fundou juntamente com Lucien Febvre, ambos docentes na Universidade de Estrasburgo, sendo um contraponto a visão Positivista da História. As suas propostas metodológicas e as suas concepções são basilares na forma como produzimos História hoje.

Segundo Francisco Falcon, havia uma dupla tarefa que os fundadores dos Annales tiveram de enfrentar: a primeira seria uma concepção de História factual e a segunda seria descentralizar os agentes aos quais eram atribuídos historicidade, que no momento seriam os "grandes homens", o que levava a um eixo principal de produção, a História Política. (FALCON, 1997, p. 107)

Marc Bloch escreveu uma obra já clássica dentro da historiografia: *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*, que confronta exatamente os pontos levantados por Falcon. Trata-se de uma obra que só foi publicada após a morte do autor, e foi escrita sob circunstâncias adversas, enquanto estava preso pelos nazistas por conta de sua participação na Resistência Francesa, - fato que resultou em sua execução por fuzilamento pelo Oficial da SS Nikolaus Barbie - sendo este um livro inacabado e escrito basicamente através da memória de Marc Bloch.

Nesta obra, ele discorre a respeito das suas principais concepções sobre a História e apresenta pontos fundamentais de afastamento com o modo Positivista de escrita historiográfica. Ele propõe o distanciamento da História factual, limitada em suas fontes de pesquisas, isolada em seu próprio *modus operandi*, concentrada em poucos sujeitos históricos. Ele apresenta de fato um grande alargamento: uma dilatação de sujeitos, fontes e métodos para o estudo do "*homem no tempo*"⁴. Ao fazer tamanha asserção, ele amplia os limites de atuação do historiador, coloca-o diante de um mundo de possibilidades ainda a serem exploradas, e também relaciona o fazer historiográfico a outros campos disciplinares com os

³ Fundada em 1929 sob o nome '*Annales d'Histoire Économique et Sociale*', trazia novas formulações teóricas e metodológicas sobre a disciplina histórica. Desde sua fundação passou por diversas modificações que podem ser acompanhadas através das Três Gerações que representam o pensamento historiográfico dos Annales.

⁴Em seu prefácio Marc Bloch traz uma simples definição para a História: "Seu objeto é 'o homem', ou melhor, 'os homens', e mais precisamente os 'homens no tempo'". (BLOCH, 2001, p. 24)

quais deve interagir. Estas propostas metodológicas afetam ainda hoje o modo de produzir o conhecimento histórico em geral, influenciando os resultados de pesquisa alcançados pelos medievalistas, que são o principal foco de nosso artigo.

Em sua obra *A Sociedade Feudal*, podemos ver a execução das propostas de Marc Bloch de modo monumental: teremos um estudo ligado ao social, e não centralizados em poucos personagens; a sua vastidão de fontes é impressionante, pois, além dos documentos tradicionais de origem eclesiástica e legislativa, ele ainda abarca as fontes arqueológicas, as análises linguísticas que envolviam estudos de toponímia e onomástica, entre outros. Também trabalhou de forma bastante extensa com os costumes, através das *chansons de geste*, por exemplo. Nesta ambiciosa obra, seu segundo Livro é dedicado a uma linha inovadora que viria a se consolidar na década de 1960 como *História das Mentalidades*⁵. Pretende compreender, segundo seu próprio título, "*As Condições de Vida e a Atmosfera Mental*" (BLOCH, 1979, p. 79), abrangendo questões econômicas, sociais, religiosas, que permitam a compreensão de uma "feudalidade" que caracterizaria o período. Mas o próprio Marc Bloch destaca:

Jamais seremos capazes de penetrar tão bem a mentalidade dos homens do século XI europeu, por exemplo, quanto o podemos fazer para os contemporâneos de Pascal ou de Voltaire: porque não temos deles nem cartas [privadas], nem confissões; porque só temos sobre alguns deles biografias ruins, em estilo convencional. (BLOCH, 2001, p. 75-76)

Bloch ainda salienta que chegará o momento em que o pesquisador deverá consolar-se em admitir que não sabe e que não há como responder determinadas questões. Portanto para que se possa ter um vislumbre de certas demandas consideradas mais inacessíveis é necessário recorrer a outras fontes e outros métodos, para tanto Bloch apoia-se na cultura material para a compreensão deste ser humano distante e recorre à Psicologia para a compreensão de fenômenos que a História por si só não era capaz de explicar.

⁵ Conceito vinculado à Longa Duração, pois, segundo Fernand Braudel a mentalidade constitui-se em padrões que só se alteram muito lentamente, portanto só pode ser avaliado dentro de uma perspectiva de Longa Duração. Embora Marc Bloch já dedicasse um subcapítulo da *Sociedade Feudal* ao estudo das mentalidades e em *Reis Taumaturgos* ele concentre-se no estudo de crenças, este conceito apenas tomou grande proporção na década de 1960, tendo como autor de destaque o medievalista Philippe Ariès. Durante a década de 1980, tornou-se um conceito extremamente utilizado, principalmente pela História Cultural, porém sofre por conta de problemas teóricos/metodológicos que levam ao seu desuso.

Esta diversidade de fontes, objetos e abordagens tornou-se fecunda e a medievalística ainda deve muito a Marc Bloch. A sua atenção ao contexto, retirando o foco do acontecimento como fato, trouxe outra forma de escrita, que preocupa-se em explicar, em compreender, e não apenas em narrar.

Iniciou-se uma nova forma de estudar a temporalidade nos estudos medievais, e processos antes vistos de forma pontual, ganham uma dimensão de duração diferenciada, mais longa, para que fosse possível uma compreensão da sociedade estudada. Este processo iniciado na Primeira Geração consagrou-se posteriormente na obra de Fernand Braudel, membro da Segunda Geração dos Annales, em um modo de análise denominado de *Longa Duração*⁶.

Vemos esta concepção de temporalidade em obras clássicas sobre a Idade Média, como na obra *Medieval Civilization* de Jacques Le Goff, onde é estabelecida uma análise que abrange o período do século IV ao século XV. Além da questão temporal longa, uma característica na medievalística dos Annales, ainda possui um capítulo onde trabalha com cultura material, ligando a História à Arqueologia, fazendo a análise das tecnologias de produção, construção e transporte no medievo.

Na Inglaterra, o historiador Henry Loyn produz obra semelhante, publicada pela primeira vez em 1962, intitulada *Anglo-Saxon England and the Norman Conquest*. Neste livro, ele abarca desde o estabelecimento dos reinos anglo-saxões na Inglaterra até a Conquista Normanda, ou seja, desde o fim do período da *Britannia Romana*, no século V até a Batalha de Hastings, em 1066. Ele opta por uma visão social da História, que pode ser vinculado às proposituras da Primeira Geração dos Annales.

Ao contrário destas obras que contemplam um período de tempo que em algumas situações podem abranger séculos e uma extensão geográfica extensa, temos a proposta de Carlo Ginzburg. Ele nasce em Turim, na Itália, em 1939, sua família constitui-se de uma origem judaica, bastante intelectualizada, sendo ele filho do professor e tradutor Leone Ginzburg e da romancista Natalia Ginzburg, estabelecendo-se um ambiente fértil a sua formação e instrução. Ele passa sua infância em sua cidade natal, onde começou seus estudos,

⁶ Conceito fundamental em sua tese de doutorado defendida em 1949, intitulada *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Contrapondo-se definitivamente à temporalidade de análise do método positivista, factual e fixado no evento, ou à temporalidade Marxista, que preocupa-se com as mudanças, na Longa Duração há uma preocupação com a continuidade, com as estruturas estáveis.

mas sua graduação foi feita em Pisa, na *Scuola Normale Superiore*, com uma formação semelhante às universidades francesas. Quando interessou-se em estudar História lhe foi indicado que trabalhasse com a linha de pesquisa utilizada pelos Annales; e Marc Bloch foi um autor que ele leu muito, chegando a fazer a tradução do *Caractères Originaux de l'histoire Rurale Français* para o italiano⁷.

Entre 1981 e 1988, Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, publicaram pela Editora Einaudi uma coleção intitulada *Microstorie*. É levantado então um outro modo de pesquisa histórica: recortes extremamente específicos, tanto temporais, quanto geográficos, para que seja feita uma análise exaustiva da fonte. Mas não apenas do micro se ocupa a Micro-História, pois para que a metodologia funcione é necessário fazer um "jogo de escalas": o objeto de estudo está sempre situado dentro de sua particularidade, mas em relação ao contexto em que se encerra, portanto a análise do historiador varia entre o particular e o conjunto, para que o micro ajude a explicar o macro, e vice-versa.

Em *O Queijo e os Vermes (Il formaggio e i vermi: Il cosmo di un mugnaio del '500)* temos um exemplar clássico da aplicação da micro-história. Publicada em 1976, trata-se da história de um moleiro de Friuli, Domenico Scandella, perseguido pela Inquisição por conta de sua cosmologia herética.

Para poder desenvolver a micro-história, Carlo Ginzburg levanta um conceito fundamental: o paradigma indiciário. Este conceito é discutido no livro *Mitos, Emblemas e Sinais*, que é uma compilação de ensaios escritos por Ginzburg entre 1961 e 1986. Assim como Bloch já destaca em *Apologia da História* em 1944, as fontes que chegam aos historiadores são apenas fragmentos indiretos de um todo que já é inacessível. Estes vestígios nos auxiliam a entender uma parte do passado, não sendo possível atingir uma totalidade, mesmo para o historiador que dedica-se ao estudo da História Contemporânea, a totalidade do processo histórico nunca será alcançado. (BLOCH, 2001, p. 70 - 73).

Ginzburg destaca sobre o paradigma indiciário:

Se as pretensões de conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a ideia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma

⁷Ver a entrevista de Carlo Ginzburg: História e Cultura: conversas com Carlo Ginzburg.

que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la. (GINZBURG, 2012, p. 177).

Para construir este conceito ele faz uma analogia entre os métodos de Morelli, Freud e Sherlock Holmes. O autor parte de Morelli e seu método de análise de obras de arte, extremamente concentrada em detalhes, que afasta-se da percepção geral da obra para visualizá-la em suas minúcias. No método de verificação de autoria *morelliano* é necessário destacar os detalhes que identifiquem corretamente o artista, afastando-se das leis gerais das escolas artísticas, permitindo constatar os traços únicos que definem o autor. Morelli o fazia concentrando-se por exemplo nos lóbulos das orelhas, na representação das unhas e dedos. (GINZBURG, 2012, p. 144).

Esta identificação minuciosa e mecânica resultou em catálogos feitos por Morelli, que permitem identificar um quadro de um artista específico apenas por estas características marginais. Ginzburg segue associando o método de Morelli a medicina e então aproxima-se de Freud e seu estudo sobre o Moisés de Michelangelo. A análise de Freud sobre esta obra vai ao encontro do método *morelliano*, ficando dias a contemplar a escultura em seus mínimos detalhes para que pudesse retirar alguma conclusão. Este método de Morelli também havia sido aproximado do método empregado por Sherlock Holmes, que baseia-se na análise e na atenção a pistas consideradas irrelevantes, mas que são a chave da solução de seus casos. Podemos ver algo interessante entre estes três agentes: todos estão ligados a área médica, pois Morelli era um médico, Freud também o era e o criador de Sherlock Holmes, Sir Arthur Conan Doyle, também era médico. Então Ginzburg mapeia estas pistas: sintomas para Freud, indícios para Sherlock e signos pictóricos para Morelli. (GINZBURG, 1989, p. 150).

Para que Ginzburg pudesse analisar o caso de Menocchio foi necessário lançar-se no paradigma indiciário. Para compreender este moleiro foi preciso montar um quebra-cabeças com peças que não estavam disponíveis na sua documentação. Trata-se portanto de um exercício investigativo. Através de Menocchio, Ginzburg consegue vislumbrar seu contexto histórico, sendo o próprio caso deste moleiro um indício privilegiado para o historiador.

Embora *O Queijo e os Vermes* não seja uma obra de História Medieval, houve repercussões interessantes neste campo por conta da abordagem proposta, principalmente pelo destaque do conceito supracitado. Na coleção intitulada *The New Middle Ages* da editora

PalgraveMacMillan, temos muitos trabalhos que afastam-se de uma ideia muito abrangente da história medieval (tanto temporal, geograficamente e de objetos) que muito deve a visão da micro-história. Esta coleção é composta por trabalhos acadêmicos como teses e reunião de artigos. Conta com 201 títulos publicados entre os anos de 1998 e com títulos selecionados para serem editados até 2019, e tem como objetivo mostrar uma nova forma de "olhar" a Idade Média, explorando agentes históricos por muito tempo não abordados. Preocupa-se em estudar a infância, as mulheres, pessoas portadoras de deficiência, crenças marginais, entre outros. Segundo a diretora da coleção, a medievalista Bonnie Wheeler⁸:

The New Middle Ages series contributes to lively pluridisciplinary conversations in medieval cultural studies through its peer-reviewed scholarly monographs and essay collections. This esteemed series provides engaging work in a contemporary idiom about practices, expressions, and ideologies in the Middle Ages.⁹ (WHEELER, disponível em <http://www.palgrave.com/series/the-new-middle-ages/NMAG/>, acessado pela última vez em 14 de maio de 2015)

Além desta grande coleção que busca novas visões para a Idade Média que deve muito a Bloch e Ginzburg, temos um belo exemplo de micro-história e medieval no livro *A Poisoned Past: The Life and Times of Margarida de Portu, a Fourteenth-Century Accused Poisoner* de Steven Bednarski. Nesta pesquisa Steven analisa os processos da francesa Margarida de Portu, acusada de envenenar seu marido até a morte. Seu processo de análise é muito semelhante ao empregado por Ginzburg em *o Queijo e os Vermes*, e através de Margarida temos um vislumbre do contexto, um enriquecimento do passado, graças ao jogo de escalas (micro e macro) empregado pelo autor. Ele busca pistas, indícios, assim como definido no paradigma indiciário, para a compreensão mais apurada de um período, e Margarida é um destes indícios privilegiados. O mesmo ocorre no livro de Robert Bartlett, *The Hanged Man. A story of miracle, memory, and colonialism in the Middle Ages*, onde é explorado o caso milagroso do rebelde enforcado William Cragh, onde testemunhas o viram reviver. Este autor trabalha de mesmo modo que Steven e Ginzburg, permitindo uma compreensão do contexto através deste pequeno caso de análise.

⁸ Professora na Southern Methodist University nos Estados Unidos, onde coordena o programa de estudos medievais. (Medieval Studies Program).

⁹ Tradução da Autora: "A série *The New Middle Ages* contribui para avivar conversas pluridisciplinares e mestudos culturais medievais através de monografias acadêmicas e conjuntos de ensaios revisados por pares. Esta estimada série oferece um trabalho envolvente com uma linguagem contemporânea sobre práticas, expressões e ideologias na Idade Média."

Vimos até então um autor responsável pela ampliação das fontes, sujeitos e métodos, vimos também uma nova escala do estudo historiográfico e por último iremos ver um conceito fundamental na historiografia atual: Representação, por Roger Chartier. Ele nasce em Lyon em 1945, formou-se historiador pela Universidade de Sorbonne. Hoje faz parte da Quarta geração dos Annales e trabalha com História Cultural¹⁰, assim como Ginzburg, embora trabalhem com metodologias de análise diferenciadas. Chartier especializou-se na história dos livros e as práticas da leitura, destacando como esta é uma prática social. Em seus estudos ele aborda três conceitos fundamentais: prática, representação e apropriação. Segundo Vainfas:

Chartier propõe um conceito de cultura enquanto prática, e sugere para o seu estudo as categorias de representação e apropriação. Representação, segundo Chartier, pensada quer como algo que permite “ver uma coisa ausente”, quer como “exibição de uma presença” (VAINFAS, 1997, p. 228. Grifos do autor).

No livro de Roger Chartier *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes* temos o capítulo dois dedicado ao conceito de representação, intitulado O mundo como representação. Neste capítulo ele define o conceito salientando o seu caráter ambíguo, pois a representação evoca a ausência tornando-a visível, trata-se da presença de algo ausente, pois a representação não trata-se do objeto em si, mas sim de uma imagem capaz de remontar a sua memória, e ao mesmo tempo a representação é caracterizada por criar uma presença.

Representação é um conceito que trabalha em conjunto com os outros supracitados através de Vainfas (Apropriação e Práticas), pois deve-se pensar que embora se produza uma representação ela não é compreendida de um único modo sempre, pois ela está sujeita as apropriações que serão feitas à partir dela, sendo a apropriação a transformação sofrida através dos tempos e locais, o modo como os agentes históricos se apropriam que nem sempre condiz com a intenção de sua produção. Enfim temos as práticas, que nem sempre seguem os discursos ou as representações atribuídas a elas. São conceitos fundamentais para

¹⁰ Quanto a História Cultural, Ronaldo Vainfas destaca que há pelo menos três vertentes atualmente: a primeira encabeçada por Carlo Ginzburg e orientada pelo seu conceito de circularidade cultural e cultura popular, uma segunda liderada por Roger Chartier e seu conceito de representação e apropriação e por fim a de Edward Thompson e seus estudos sobre classes sociais, suas pesquisas sobre o cotidiano e os movimentos sociais. (VAINFAS, 1997, p. 139 - 140).

os estudos de História Cultural, que tem como objetivo, segundo Chartier "identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler." (CHARTIER, 1990, p. 17).

Logo Chartier tornou-se um dos historiadores mais citados em pesquisas acadêmicas, incluindo o Brasil, sendo aqui um dos historiadores estrangeiros mais recorrente. (CARVALHO, 2005, p. 144).

Na medievalística suas conceituações também tiveram influência consideráveis. Temos, por exemplo, o livro editado por Julia Bray, intitulado *Writing and Representation in Medieval Islam: Muslim Horizons*. Composto por seis artigos, temos aqui um bom exemplo dos usos da História Cultural pelos medievalistas, assim como o emprego do conceito de representação para a compreensão do social. Saindo das fontes escritas e trabalhando com cultura material e iconográfica temos o livro de Nigel Saul, intitulado *English Church Monuments in the Middle Ages: History and Representation*, onde aborda a importância da representação pessoal e social através das artes, concentrando-se principalmente na arte escultórica.

Finalmente para vermos as contribuições dos três autores trabalhados durante este artigo nos fixaremos em um exemplo que acreditamos que consegue cerzir a todos de algum modo: o livro *The Woman and Disability in Medieval Literature*, de Tory Vandevanter Pearman é proposto um recorte muito específico que é a representação das mulheres com deficiência na literatura medieval.

A autora busca indícios deste grupo específico e que não deixou registros históricos próprios através de um material já bastante estudado, que é a literatura do medievo. Baseia-se em 'pistas' que deve analisar através de uma lógica que preenche lacunas deixadas pela escassa documentação, aproximando-se do paradigma indiciário de Ginzburg.

Para além de trabalhar com um recorte extremamente específico, a autora trabalha com a representação atribuída a estas mulheres na literatura utilizada como fonte. Busca os modos pelos quais este grupo é dado a representar nestas fontes, aproximando-se de Roger Chartier. Como Bloch alertava para a interdisciplinaridade como sendo essencial aos estudos historiográficos, vemos no livro de Tory uma aproximação com a Antropologia, para a compreensão do corpo destas mulheres deficientes dentro de seu grupo social.

Finalizando, neste artigo intencionamos destacar a importância de três autores para a pesquisa em História Medieval: Marc Bloch, Carlo Ginzburg e Roger Chartier. Não unimos os autores por campo de atuação, ou seja, sua importância para o medievalismo não advém do fato de serem medievalistas ou não, mas sim de suas teorias e metodologias para este campo.

As pesquisas historiográficas são extremamente dinâmicas, estando sempre em sintonia com o contexto histórico de sua produção, por isso os estudos de tempos tão remotos quanto o medievalismo são sempre atuais, pois suas fontes e seus objetos estão em constante revisão, partindo de novas perguntas, novos métodos e novos referenciais teóricos. Os autores que foram o âmago deste artigo ora se aproximam, ora se distanciam, mas de todo modo, eles compartilham suas experiências e assentam pedras à construção da historiografia, permitindo que nosso fazer amplie-se e contemple horizontes mais ricos.

Para encerrar uma frase de Bloch que deve orientar os medievalistas sempre que questionados sobre a relevância dos estudos medievais na contemporaneidade: "Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça." (BLOCH, 2001, p. 54). Busquemos sempre o "*homem no tempo*", independente de nossa distância temporal, e o procuremos através dos métodos e conceitos que nos facilitem sua compreensão, respeitando os limites de nosso ofício.

Conclusão

Neste artigo fizemos aproximações entre os trabalhos de três importantes historiadores: Marc Bloch, Roger Chartier e Carlo Ginzburg. A intenção foi de destacar como seus referenciais teóricos e proposições metodológicas auxiliaram a expandir os estudos no campo da medievalística. Vimos através de algumas produções como suas influências são palpáveis, e auxiliam a ampliar as temáticas de análise e os resultados das pesquisas.

O medievalismo passou de ser estudado apenas através de um sistema de longa duração, deixou de focar-se na história da monarquia ou do clero, e ampliou-se aos estudos de agentes comuns, que permitem uma nova visão do período. Esta ampliação deu-se em um primeiro momento pela ampliação de fontes utilizadas pelos historiadores, que possibilitou novas perguntas e novas problemáticas. Posteriormente temos modificações na própria

temporalidade aplicada, saindo de uma longa duração, para periodizações específicas, e com a micro-história temos o destaque ao específico junto ao contexto histórico ampliado, este jogo de escalas reverbera entre os medievalistas, permitindo novas visões de análise e a percepção de que os pequenos agentes históricos podem nos trazer grandes resultados de pesquisa.

Referências Bibliográficas:

ABREU, Alzira Alves de; GOMES, Ângela de Castro; Oliveira, Lucia Lippi. Conversa com Carlo Ginzburg. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 3, nº 6, 1990, p. 254-263.

BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BARTLETT, Robert. *The Hanged Man. A story of miracle, memory, and colonialism in the Middle Ages*. New Jersey: Princeton University Press, 2004.

BEDNARSKI, Steven. *A Poisoned Past: The Life and Times of Margarida de Portu, a Fourteenth-Century Accused Poisoner*. Toronto: University of Toronto Press, 2014.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1987.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. A longa duração. In: *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 41-78.

BRAY, Julia. *Writing and Representation in Medieval Islam: Muslim Horizons*. Londres e Nova York: Routledge, 2006.

BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História – novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, V. 9, nº1, p. 143 - 165, 2005.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: _____. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. pág. 61-79.

_____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. Pág. 97 - 138.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LOYN, Henry. *Anglo-Saxon England and the Norman Conquest: A social and economic history of England*. Londres e Nova York: Longman, 1991.

LE GOFF, Jacques. *Medieval Civilization: 400 - 1500*. Oxford: Blackwell, 1992.

PEARMAN, Tory Vandeventer. *The Women and Disability in Medieval Literature*. Nova York: PalgraveMacMillan, 2010.

REIS, José Carlos. *Nouvelle histoire e tempo histórico; a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994.

ROSENTHAL, Paul-André. Construirele 'macro' par le 'micro': Fredrik Barth et lamicrostoria.' In: REVEL, J. (coord). *Jeux d'échelles, La micro-analyse à l'expérience*. Paris: Gallimard, 1996, pág. 141-159.

SAUL, Nigel. *English Church Monuments in the Middle Ages: History and Representation*. Oxford: Oxford University Press, 2009.